

## Uma geração “descolada”?

Os cabelos são assimétricos, azuis ou rosas. Orelhas e narizes repletos de piercings. Peles tatuadas. Roupas largas muito coloridas ou neutras. O estilo muitas vezes é andrógino, blasé. Algumas parecem querer muito chamar a atenção de quem as cerca. Outras buscam a máxima invisibilidade. Mas os olhares, ah, os olhares... Por trás de uma estética engajada, moderna, exótica, vivem meninas em busca de referências, estrutura, vínculo.

Como anda esta geração que tem hoje entre catorze e vinte anos? Esta reflexão parte de minha observação na clínica. Sempre trabalhei com adolescentes. Antes de ser terapeuta fui professora por muitos anos. Lido com muita naturalidade com as questões dessa faixa etária. Em geral ofereço o olhar de um adulto sem moralismos, ou rótulos, que costuma ser um alento para jovens que não costumam falar de si mesmas em outros espaços. Atendo meninos também. Mas, na minha prática, as mulheres são mais numerosas do que os homens. E são elas que têm me atraído a atenção nos últimos anos.

As diferenças entre gerações sempre existiram, claro. E os obstáculos à livre comunicação entre elas também. Mas há sempre nuances próprias de cada época. No pequeno universo que me cerca percebo duas grandes tendências entre os pais. Há o grupo dos tolerantes em excesso, que nada cobram de seus filhos, premiam as irresponsabilidades, sustentam todos os caprichos mesmo quando financeiramente não podem, e, sobretudo, deixam seus filhos “soltos”: sem contorno, sem regras, sem limites, sem apoio. Jovens à deriva escondidos sob uma capa de liberdade e modernidade. E os pais se sentem muito orgulhosos deles próprios, por não serem repressores nem caretas.

O outro grupo de pais habita o espectro oposto: são os exigentes, cobradores, rígidos que projetam nos filhos seus próprios planos, frustrações, expectativas e anseios. Os filhos existem para lhes dar orgulho, para cumprir um projeto de vida pré

determinado, para seguir um rumo escolhido pelos pais. Duas clientes relataram que sempre ouviram em casa: “Abaixo de oito não é nota”! Suas vidas escolares foram pautadas por esta cobrança numérica fria. Os filhos estavam felizes? Bem adaptados na escola? Tinham bons amigos? Conseguiram se expressar na coletividade? Se relacionavam bem com os adultos a sua volta? Nada disso importava. A única informação relevante estava contida nos boletins escolares. Algumas crianças e jovens têm mais facilidade no rendimento acadêmico. Para outros a cobrança gera intenso sofrimento e sentimento de fracasso. Como começar uma vida de aprendizado sob a exigência permanente de um rendimento que, para alguns, simplesmente não é possível? Como acreditar na própria capacidade se as notas comprovam uma suposta incompetência?

Em sua peça “Nossa Cidade” o autor Thornton Wilder pergunta, na voz de sua personagem Emily, referindo-se à adolescência:

-- Se lembra de um tempo em que as menores coisas da vida pareciam tão importantes que era difícil poder suportá-las?

As experiências vividas são todas muito novas. Os hormônios acentuam a intensidade das sensações. Os menores dissabores geram agudo sofrimento. É esse sofrimento que me chama a atenção e ele é comum tanto aos filhos de pais ultraliberais como aos de pais muito exigentes. O desamparo, a sensação de invisibilidade, o silêncio sobre suas dores, as intensas angústias a respeito da própria performance, os distúrbios alimentares, a confusão gerada pelas brigas entre os pais casados ou não, o medo de frustrar as expectativas dos adultos, a falta de garra para construir a própria vida, o desinteresse pelas atividades estudantis, os sonhos frustrados, o desânimo com o futuro são algumas das questões que aparecem de forma recorrente na narrativa dessas meninas.

Considero importante apontar algumas características muito evidentes de algumas meninas desta geração nascida entre o fim dos anos 1990 e o início dos anos 2000.

O primeiro traço que percebemos e que não existia poucos anos antes é um misto de ambiguidade e liberdade na orientação sexual. As meninas podem experimentar relações efêmeras e mesmo namoros com outras meninas, sem que isto configure um rótulo, ou estigma. O lado lindo disso é a possibilidade de vivenciar seus impulsos sem precisar fazer escolhas ou definir preferências cedo demais. A mesma liberdade não existe para os meninos, que continuam sendo taxados como gays caso provem uma relação homossexual. Por outro lado, o que pode ser visto como avanço no sentido de evitar os modelos rígidos, traz também algumas delicadezas que precisam do nosso olhar. Qual o papel do feminino na dinâmica dessas jovens? Como se relacionam com seus corpos? Percebo em alguns casos um movimento de desatenção com sua higiene, suas roupas, como se cuidar de si mesma fosse um fardo, ou um clichê. Uma cliente de catorze anos usa “hétero” como um adjetivo pejorativo para se referir às meninas que se arrumam e se enfeitam mais do que ela. Como se lavar os cabelos e se perfumar fosse algum indício de dominação masculina. Sim, esta é uma geração intensamente militante, com muita consciência do machismo que nos cerca e bastante determinada a conquistar mais espaços para as mulheres. Viva! Mas será preciso não tomar banho para afirmar seus direitos? Será a falta de cuidado com o próprio corpo a nova queima de sutiãs, ícone extremo do movimento feminista? Não tenho as respostas. Levanto perguntas para discussão.

Uma característica que certamente define os adolescentes destes meados dos anos 2010 é a hiper conectividade e a existência de um mundo paralelo, virtual, das redes sociais que muitas vezes norteia a existência concreta, material. Nesse aspecto não percebo diferenças entre homens e mulheres. Para elas e eles o universo paralelo da internet tornou-se uma realidade tão ou mais palpável do que o espaço que efetivamente os cerca. As expectativas em relação ao olhar do outro foram substituídas pelas “curtidas” nas redes sociais. A espionagem sobre a vida alheia tornou-se um verbo só aplicado ao cyber espaço: stalkear. Uma apropriação da palavra inglesa stalk, que significa assediar, rondar, perseguir. Uma menina te paquerou? Vamos descobrir tudo sobre ela stalkeando suas redes sociais. Aquela ficante não quer mais falar com você pelo Whatsapp? Você a stalkeia para saber o que ela anda fazendo. E, sabendo

disso, criou-se toda uma comunicação subliminar que manda pistas, indícios, mensagens sutis ao publicar um vídeo, uma letra de música, a foto daquele prato que você cozinhou, daquele passeio, bar, show. Ou pelo menos é assim que os stalkadores interpretam as postagens de seus alvos! O que se faz, ou se diz fazer nas redes sociais, muitas vezes parece mais importante do que as ações ao vivo. Constrói-se um perfil, uma estética, um roteiro de vida online que nem precisa ter correspondente no real. A imagem basta!

E a imagem não é apenas virtual, ou estética – embora estes quesitos tenham enorme peso. É também uma postura a ser apresentada em público. Escutei de um moça de dezessete anos, cujo corpo exalava tristeza e dor: “Não falo de como me sinto com minhas amigas, porque não quero ser um peso para elas”. Todos precisam ser leves, alegres, dispostos, felizes e lindos como naquela foto que a gente escolhe para botar no perfil. Mas o que acontece quando não se sentem assim? Alguns se escondem. Outros buscam na bebida e nas drogas o aditivo necessário para aparentar o status exigido pelo clã. Alguns usam o sexo como ferramenta de inserção e aceitação. Outros misturam tudo em uma mesma noite: álcool, sexo, drogas como forma de parecerem “descolados” aos olhos de seus jovens pares.

Essa palavra me fez parar para refletir. Ser descolado pode ter uma dupla leitura. Como gíria, o termo se refere a alguém moderno, engajado, livre, dono do próprio nariz, despreocupado, antenado, bem informado, ligado nas tendências. Mas, e se pensarmos no sentido literal desta expressão e incluirmos o corpo nesse cenário, teremos uma questão bem diferente. Será que estamos diante de uma geração que se descolou de seu próprio corpo, suas sensações, seus sentimentos em nome de uma adequação pessoal e virtual ao mundo que a cerca? Estarão os adolescentes, em alguma medida, deslocados de si mesmos, vivendo meio como zumbis em um mundo artificial, onde é mais importante o que se mostra do que o que se sente ou o que se é? Quais serão as consequências desse descolamento? A médio prazo, como será essa geração de adultos criada sob a lógica do distanciamento?

Nosso papel, como terapeutas, é aprender a linguagem desse outro tão diferente, acompanhar a rápida transformação do universo tecnológico que os cerca e, acima de tudo, oferecer caminhos para a construção de vínculos reais, contato concreto com seu próprio corpo e o dos outros, contorno, contenção, limite, estrutura, olhar, escuta. Estaremos aptos a lidar com este obstáculo? Este é mais um desafio para os novos tempos.

Adriana Moretta